

Estudo de Caso Clínico

Paciente "Júnior"



(Narrativa da Dra. Ramieli Bernardino)



Hoje eu quero compartilhar com vocês a história do Júnior (nome fictício, claro) um paciente de 35 anos que chegou até mim dizendo estar com crises de ansiedade e infeliz com o casamento.

Desde a primeira sessão, percebi uma postura muito defensiva. Ele falava com muita segurança, como se já tivesse passado por tudo:

“Já pensei nisso”, “Já fiz isso”, “Eu sei como é”, “Eu entendo tudo isso.”

Era como se não houvesse espaço para nada novo, nada emocional. Tudo já estava “resolvido”. Mas esse tipo de discurso, para mim, não é maturidade emocional, é proteção. É a armadura que a pessoa veste para não se desmontar.

Estudo de Caso Clínico - "Júnior"

Então, num desses momentos, eu disse:

“Que bacana, Júnior, você entende muito sobre a vida. Sabe, geralmente quem amadurece cedo assim, passou por muita coisa. Você teve uma infância difícil?”

Nesse momento ele parou. Engasgou. Respirou fundo.

E disse:

“Meu pai batia na minha mãe... e batia na gente também. Nunca me deu um abraço. Nunca me deu um beijo. Mas eu não gosto de falar sobre ele.”

Percebi ali a brecha. A primeira rachadura na armadura. E eu respondi:

“Nossa, Júnior, que história de superação! Depois de passar por tudo isso, você sabe de muita coisa mesmo. Me conta mais.”

Aos poucos, ele começou a abrir. Disse que o pai dele nunca comprou nada pra dentro de casa. Que muitas vezes passaram fome. Que nunca teve carinho. Que quando o pai bebia, virava um monstro, batia na mãe, nele e nos irmãos.

Disse que cresceu com muita raiva. Que prometeu pra si mesmo que nunca iria casar, nunca teria filhos. Que não queria repetir aquela história.

Um dia, aos 12 anos, o pai estava espancando a mãe. Ele pegou um objeto para agredir o pai e impedir aquilo. Mas antes de conseguir fazer algo, a mãe gritou:

“Não faz isso! Eu tô bem!”

Estudo de Caso Clínico - "Júnior"

E ele guardou aquilo. Guardou a raiva. Guardou a impotência.

Disse que a mãe nunca foi amorosa com ele também. Sempre foi submissa. Nunca o acolheu.

Logo começou a trabalhar. O pai foi embora e deixou a família sem nada. Júnior virou o provedor da casa com apenas 12 anos.

Foi aí que ele começou a construir essa imagem de homem forte. Um “cara vivido”, que não se abala, que não chora, que resolve tudo.

Mas por dentro... estava completamente ferido.

Nas sessões seguintes, conversamos sobre seu casamento. Perguntei por que ele não estava feliz com sua esposa. E ele disse:

“Porque ela parece com a minha mãe. Ela aceita tudo. Não faz nada pra mudar a vida.”

Na hora, entendi que ele estava repetindo o padrão. Não só isso, estava reagindo à esposa com a raiva que ainda sentia da mãe.

A partir disso, iniciei com ele uma linha do tempo emocional, dos 7 aos 14 anos.

Fomos resgatando memórias, sensações, momentos marcantes.

Algumas semanas depois, ele me contou de um menino que ele vê no bairro onde mora. Um menino de uns 12 anos, que junta papelão com a mãe.

Estudo de Caso Clínico - "Júnior"

E aí eu perguntei:

“Há quanto tempo você sente essa ansiedade?”

Ele respondeu: “Uns meses.”

Perguntei então:

“E esse menino, há quanto tempo você vê ele?”

Ele disse: “Uns meses também.”

Perguntei o que ele sente vontade de fazer quando vê o menino. E ele respondeu:

“Queria ajudar ele... e dizer pra mãe dele não confiar em ninguém.”

Ali ficou claro: ele estava vendo a si mesmo naquele menino.

Estava tentando fazer por ele o que ninguém fez por ele.

Naquele momento ele chorou. Choro verdadeiro, sentido. Não era sobre o menino, era sobre ele.

Iniciamos então um trabalho mais simbólico.

Pedi que ele desenhasse uma árvore pensando no pai.

Ele desenhou uma árvore feia, retorcida. Pedi para ele desenhar as raízes, e ele disse:

“Não consigo.”

Na semana seguinte, pedi para ele desenhar outra árvore, agora pensando nele mesmo.

Estudo de Caso Clínico - "Júnior"

Ele desenhou uma árvore bonita, com frutos, com raízes. Mas havia muitas frutas caídas no chão.

Perguntei:

“E essas frutas no chão?”

E ele respondeu:

“São as minhas dores... que eu não suporto mais carregar.”

Esse foi um dos momentos mais bonitos do processo terapêutico.

Começamos então um trabalho de ressignificação.

Usei a técnica da cadeira vazia. Em algumas sessões, deixava uma cadeira na frente dele e dizia:

“Se seu pai estivesse sentado aí... o que você gostaria de dizer pra ele?”

E ele falava. Falava tudo o que nunca pôde. Chorava. Se conectava com a dor e ia liberando.

Também trabalhei com a técnica do espelho.

Pedia para ele se olhar no espelho todos os dias e dizer, para a sua criança ferida, tudo aquilo que gostaria de ter ouvido.

“Você é amado.”

“Você é forte, mesmo quando chora.”

“Você não tem culpa de nada.”

Estudo de Caso Clínico - "Júnior"

Ele fez também uma carta para o pai. No começo, era uma carta de mágoa. Lia ela toda semana. Até que um dia, chegou com uma nova carta, uma carta de gratidão. Não porque o pai merecia perdão, mas porque ele merecia liberdade. Merecia seguir em frente sem carregar aquela prisão emocional.

E algo mudou.

Ele começou a olhar diferente para a esposa.

Disse que queria ter filhos.

E disse mais:

“Talvez um dia eu leve meu filho pra conhecer meu pai... mostrar que eu consegui fazer diferente.”

Essa é a história de um homem que parecia duro, racional, controlado.

Mas, no fundo, era só um menino de 12 anos querendo ser abraçado.

E é por isso que a escuta terapêutica é tão importante.

Porque o que chega no consultório nem sempre é o que dói.

A dor, às vezes, está escondida atrás de frases como:

“Eu sei de tudo.”

“Já tentei de tudo.”

“A vida é assim mesmo.”

Mas quando conseguimos acessar a criança ferida, a transformação é profunda.

Traumas de Júnior

Visão Psicanalítica

01

Trauma de Abandono

- O pai ausente afetivamente desde sempre e ausente fisicamente após abandonar a família.
- A figura materna, apesar de presente, era emocionalmente distante e submissa.
- Resultado: sentimento profundo de desamparo, falta de referência de proteção, origem da angústia de separação.

O abandono para a criança é vivido como uma ameaça à própria existência. Não é só perder o outro, é se perder de si.

02

Trauma de Rejeição

- Nunca foi tocado com afeto pelo pai — sem beijos, sem abraços.
- Cresceu sem ser reconhecido emocionalmente como sujeito.
- A mãe também não o validava emocionalmente.

Na psicanálise, a rejeição leva o sujeito a desenvolver crenças inconscientes de que não é digno de amor, ou que precisa "ser forte" para merecer existir.

03

Vivência de Violência e Humilhação

- Presenciou e vivenciou violência física e psicológica.
- Situações traumáticas que envolviam medo de morte (episódio da mãe sendo espancada).
- Foi humilhado pelo pai e nunca teve um ambiente seguro.

Essas experiências geraram:

- Angústia persecutória (sensação de que algo ruim pode acontecer a qualquer momento).
- Crença inconsciente de que a vida é perigosa, imprevisível e que o afeto é sempre condicionado.

Traumas de Júnior Visão Psicanalítica

04

Adultização precoce / Inversão de papéis (parentalização)

- Aos 12 anos, se tornou provedor da casa.
- Teve que abrir mão da infância para sobreviver.
- Assumiu funções que pertenciam ao pai.

Segundo a psicanálise, quando a criança é colocada no lugar de adulto, ela é violentada psiquicamente. Ela forma um ego endurecido, precocemente adaptado, mas sem base emocional real.

05

Ferida Narcísica

- Sentimento inconsciente de não ser suficiente, mesmo sendo provedor.
- Tentativa de compensar a dor com perfeição, controle e razão.
- Fragilidade do ego, mas com máscara de força e autossuficiência.

06

Mecanismos de Defesa Ativados

Para lidar com essas dores, Júnior construiu defesas sólidas:

- Intelectualização: transformar a dor em razão ("Eu já sei disso.")
- Racionalização: justificar comportamentos sem tocar na emoção real.
- Projeção: via na esposa a mãe que ele rejeitava.
- Identificação com o agressor: repetia a postura emocional do pai (frieza, rigidez).
- Formação Reativa: apresentava força onde havia fragilidade.

Ramieli Bernardino aos Alunos do IFD



Queridos alunos do Instituto Fazendo a Diferença (IFD),
Vocês não estão aqui por acaso.
Vocês estão aqui por um propósito.
Um propósito maior, que começa dentro de vocês:
serem curados, restaurados, resgatados para que, com o tempo, se tornem escuta viva,
presença segura, e canal de cura para outras vidas.
Não tenham medo do processo.
Não desistam da caminhada.
O propósito de vocês não termina nos estudos ele se revela no acolhimento, na escuta, na
compaixão.
Nos atendimentos que farão, sejam vocês mesmos.
Não usem máscaras.
Escutem com o coração, sem julgamento.
Não tenham pressa de curar ninguém estejam presentes.
Esse já é um passo imenso de amor.
Vocês são capazes de ir muito além do que imaginam.
O céu é o limite.
E acima do céu... está Deus, guiando cada passo.
Que Ele abençoe vocês com sabedoria, sensibilidade e coragem para fazer a diferença.

Com carinho,
Dra. Ramieli Bernardino

